

Profissionais exercem a arte do improviso

Com a crise, os médicos precisam exercer diariamente a arte do improviso. Sem UTI neonatal e com uma taxa de prematuridade que aumentou quase dez por cento nos últimos anos, o diretor da Maternidade Herculano Pinheiro, Pasqual Mangia, por exemplo, optou pela criatividade para atender gestantes de alto risco. Numa sala entre as enfermarias foi improvisado um espaço pós-cirúrgico, exclusivo para quem faz cesariana.

Na Maternidade Carmela Dutra, a maior do Estado do Rio, não há UTI neonatal. Quando uma criança nasce antes do tempo, precisa de auxílio para respirar e não há para onde removê-la (a Fernando Magalhães, que

tem 25 leitos de UTI neonatal, está sobrecarregada), o jeito é usar um aparelho mecânico, chamado Cpap. Ele aumenta a concentração de oxigênio, desde que o recém-nascido tenha capacidade para respirar. Mas, quando não há outro jeito, resta apostar na força do bebê. Às vezes dá certo.

Na Alexander Fleming, antigamente, mãe e bebê tinham alta juntos — o que significava, no caso dos prematuros, um tempo de permanência muito grande das mães nas enfermarias. Só que o número de partos aumentou em 65%. O jeito foi ampliar a rotatividade dos leitos: a criança fica e a mãe é liberada.